

Daniela Ferreira | Respostas

1. Se os Instrumentos não têm que ter pesos, o que deve ter são os Domínios, então como contabilizar tudo isso tão meticulosamente por forma a utilizar, preenchendo, as grelhas de operacionalização (obrigatórias) tão exaustivas?

Muitas vezes tenho imensas dificuldades em as aplicar, pois tenho uma visão holística do aluno e sinceramente há itens/attitudes que não sei/não consigo quantificar tão pormenorizadamente.

Antes de mais só posso agradecer a sua questão tão inquietante.

Primeiramente é importante que a definição dos domínios resulte de uma apropriação daquilo que está expresso nas Aprendizagens Essenciais e da forma como entendemos a avaliação da nossa disciplina. Algumas Aprendizagens Essenciais indicam domínios que na verdade são grandes áreas temáticas.

Depois, e num trabalho mais difícil e reflexivo (porém necessário), devem definir com o maior rigor e clareza quais os descritores de cada domínio.

Ao atribuímos a ponderação ao domínio passamos a entender que existem vários instrumentos que nos permitem recolher evidências relativas às aprendizagens que os alunos efetuaram em cada um desses domínios. Sempre que nos prendemos às grelhas de excel trazemos mais métrica que pedagogia ao processo avaliativo. A classificação é necessária, mas ela deve resultar de um processo rigoroso de recolha de evidências e por isso devemos repensar os nossos instrumentos de avaliação e refletir sobre o seu propósito e função nas aprendizagens dos alunos.

Ao optarmos, e bem, por uma visão holística do aluno efetivamente devemos refletir sobre as atitudes que queremos promover nos nossos alunos, e é importante que esta reflexão seja tão ampla que inclua todos os docentes da escola. A avaliação das atitudes resulta de um processo contínuo de formação dos alunos e que deve ser acompanhado, como os domínios mais cognitivos, de descritores. Se eu avalio a autonomia, quais são os seus descritores? Se eu avalio a cooperação, quais são os seus descritores?

O problema da avaliação não são as grelhas excel, mas sim o uso que fazemos dela. Se as temos para monitorizar as aprendizagens dos alunos, excelente. Se as usamos para fazer médias, não me parece tão interessante. Espero ter ajudado.

2. A avaliação formativa, tanto quanto me lembro, é utilizada no ensino modular dos cursos profissionais desde o seu início na década de noventa com bastante êxito. No entanto, a realidade do ensino secundário dito regular, é bastante diferente. A minha questão é a seguinte: Como vê o enquadramento do tipo de prova e do peso dos exames nacionais de 11º e 12º ano neste modelo que apresentou? Que resultados os alunos das escolas que acompanha têm obtido na avaliação externa?

Antes de mais só posso agradecer a sua questão tão inquietante e urgente.

Como diz e bem, a avaliação formativa é utilizada desde sempre. O grande obstáculo que ela encontra é que todos somos verdadeiros crentes, mas necessitamos de nos tornar praticantes, como defende a Professora Antonieta Ferreira. Os exames nacionais do ensino secundário, como prova de avaliação externa, certificam uma escolaridade obrigatória. Até 2009 esses exames tinham lugar no 9.º ano, atualmente têm lugar no 12.º ano. E com isto reconheço que a existência e manutenção dos exames nacionais de 9.º ano não me parece muito coerente.

A grande questão associada aos exames nacionais surge pelo facto de eles serem utilizados como prova de acesso ao ensino superior e é isto que prende e pressiona professores e alunos. Porém, se na nossa prática privilegiarmos a avaliação formativa, isto é, momentos de recolha de evidências com o único propósito de melhorar a aprendizagem dos alunos por via do feedback, estamos a prepará-los para os momentos de avaliação sumativa e de avaliação externa. Por isso esta avaliação formativa deve ser repensada quanto aos seus momentos (se eu tenho previsto um momento de avaliação sumativa, devo contemplar que existem momentos anteriores de avaliação formativa) e quanto aos seus instrumentos (se eu quero preparar os alunos o melhor possível para os momentos sumativos e externos, devo utilizar instrumentos idênticos). Com isto não estou, de todo, a dizer que apenas devemos utilizar testes. Quando apenas utilizamos um tipo de instrumento de avaliação (seja com um fim formativo ou sumativo), olhamos os alunos apenas segundo um ângulo, uma lente e um aluno é mais do que a fotografia de um determinado momento. A utilização de listas de verificação ou de grelhas de observação que nos permite avaliar os trabalhos de projeto, as apresentações, as experiências, as saídas de campo, etc são momentos privilegiados para avaliarmos muito mais do que a capacidade de um aluno a sistematizar a informação. Nestes momentos avaliamos o seu raciocínio, a forma como argumenta, como testa possibilidades, como comunica e tudo isto também é avaliado nos exames nacionais. Os estudos realizados no âmbito da avaliação indicam que a avaliação formativa é promotora de mais aprendizagens e é aquela que melhor contribui para o sucesso dos alunos.

3. Após ouvir com atenção, reconheço que, apesar de todo o esforço de mudança do agrupamento a que pertencço, os nossos critérios de avaliação ainda estão muito “colados” às aprendizagens essenciais e são muito extensos.

Portanto, a minha questão é: como fazer para elaborar critérios que caibam numa só página? Haveria possibilidade de nos enviar um modelo, apenas a título de sugestão?

Antes de mais agradeço a sua questão e reforço que este é um processo desafiante, mas necessário.

Primeiramente é importante que a definição dos domínios resulte de uma apropriação daquilo que está expresso nas Aprendizagens Essenciais e da forma como entendemos a avaliação da nossa disciplina. Algumas Aprendizagens Essenciais indicam domínios que na verdade são grandes áreas temáticas. Por isso a questão que se devem colocar é: O que é mais amplo que qualquer conteúdo, mas ao mesmo tempo transversal a todos eles?

Depois, e num trabalho mais difícil e reflexivo (porém necessário), devem definir com o maior rigor e clareza quais os descritores de cada domínio.

Ao atribuímos a ponderação ao domínio passamos a entender que existem vários instrumentos que nos permitem recolher evidências relativas às aprendizagens que os alunos efetuaram em cada um desses domínios. Não existem instrumentos mais importantes que outros, todos eles são diferentes e todos eles nos dão informações distintas, por isso devemos repensar os nossos instrumentos de avaliação e refletir sobre o seu propósito e função nas aprendizagens dos alunos. Quando apenas utilizamos um tipo de instrumento de avaliação (seja com um fim formativo ou sumativo), olhamos os alunos apenas segundo um ângulo, uma lente e um aluno é mais do que a fotografia de um determinado momento, o que reforça a importância da diversificação. A utilização de listas de verificação ou de grelhas de observação que nos permite avaliar os trabalhos de projeto, as apresentações, as experiências, as saídas de campo, etc são momentos privilegiados para avaliarmos muito mais do que a capacidade de um aluno a sistematizar a informação. Nestes momentos avaliamos o seu raciocínio, a forma como argumenta, como testa possibilidades, como comunica, etc.

Estes critérios cabem numa página porque resultam de um processo de reflexão conjunta entre os professores do mesmo grupo disciplinar. Eles não são nem as Aprendizagens Essenciais, nem um conjunto de instrumentos. São um processo de reflexão intencional sobre aquilo que efetivamente queremos desenvolver nos nossos alunos. Um exemplo de grelha é este que coloco:

Domínios	Descritores	Ponderação	Instrumentos de Avaliação

4. Partindo (até) das palavras do Conferencista, Dr. Laborinho Lúcio, que nos dizia (mais ou menos assim!): que "o tempo é essencial para instalar/operar a mudança, e não a instantaneidade", será que julga ser possível, por exemplo num Agrupamento de Escolas (desde o pré-escolar ao fim do secundário), conseguir "sair da caixa" no que respeita à forma de (re)pensar a avaliação e operar a necessária mudança num só ano letivo?!

Ou seja, qual é o seu conselho perante esta questão?

Que passos são essenciais de dar, desde já, e quais as etapas que poderemos prolongar no "tempo"?!

Antes de mais só posso agradecer a sua questão tão inquietante.

Como refere o Professor Laborinho Lúcio, e bem, a mudança necessita de tempo, mas acima de tudo precisa dos professores e da sua reflexão pedagógica. A mudança não se opera por decreto, e por isso, necessitamos que os professores desse agrupamento, ou pelo menos uma larga maioria, sintam essa necessidade. A larga maioria dos contextos e dos professores não está satisfeito com as condições em que ensina, cada vez mais nos sentimos longe daquilo que são os interesses dos nossos alunos e por isso impera a reflexão sobre o que podemos mudar, sobre porque ensinamos e porque devem eles aprender. E refletir sobre a avaliação implica, necessariamente, refletir sobre os processos de ensino-aprendizagem. É importante esclarecer com os professores o lugar da avaliação formativa nas salas de aula e nas práticas pedagógicas e mostrar como esta é promotora de maiores e melhores aprendizagens. É necessário que os

professores entendam o que distingue a avaliação formativa, da sumativa e da classificação. E quando isto se torna claro podemos avançar para um movimento de alteração dos critérios de avaliação, mas mudar o papel só porque sim não é eficaz. Se queremos efetivamente mudar, precisamos de entender a mudança como útil. A nossa equipa faz muita formação e consultoria em contexto de escola e pode ser essa uma possibilidade, estamos à disposição do Centro de Formação para pensar soluções.

5. Os critérios de avaliação são realizados por domínios [que na geografia são 3 :Localização, problematização e comunicação] e não pelas competências do PASEO.

Como operacionalizar? O aluno ao analisar um mapa. o que considero? o domínio ou a competência? A mesma competência é transversal a mais que um domínio. Está correto ter 3 Domínio e cada domínio ter um conjunto de critérios que são descritores operativos do PASEO. Consequentemente em todos os domínios repetimos esses descritores, Mas o que classifico, pondero, ao nível do Domínio ou os descritores?

Antes de mais só posso agradecer a sua questão tão inquietante.

Então vamos por parte. Qual é o lugar do PASEO? O Perfil dos Alunos, sendo um documento excecional, ele orienta o professor a pensar a sua ação pedagógica, não é um documento de critérios de avaliação. E isto é válido para o PASEO, como para as Aprendizagens Essenciais. Se efetivamente queremos que o nosso documento de critérios de avaliação espelhe a nossa prática devemos apropriarmo-nos destes dois documentos para pensar a nossa ação, e com ela os critérios de avaliação. Então, como construir os critérios de avaliação?

Primeiramente é importante que a definição dos domínios resulte de uma apropriação daquilo que está expresso nas Aprendizagens Essenciais e da forma como entendemos a avaliação da nossa disciplina. Algumas Aprendizagens Essenciais indicam domínios que na verdade são grandes áreas temáticas. Por isso a questão que se devem colocar é: O que é mais amplo que qualquer conteúdo, mas ao mesmo tempo transversal a todos eles? No caso da geografia podemos pensar dos três domínios que atravessam todas as AE, ou outros que nos pareçam mais indicados. Em geografia os alunos fazem muito interpretação de fontes, que pode ser o domínio do descritor que coloca. Assim, parece-me claro que o domínio da comunicação e da interpretação de fontes atravessam toda a disciplina. Ao ler as AE da localização encontro vários objetivos orientados para a interpretação de fontes. Por outro lado, muito do que aparece na problematização, não poderá ser incluído na comunicação? Mais do que pegar nos objetivos das AE, devemos apropriarmo-nos delas para criar os domínios e/ou os descritores.

Relativamente à ponderação nós aconselhamos atribuir ao domínio, mas a esta reflexão deve suceder a análise dos instrumentos de avaliação de modo a perceber efetivamente que evidências é que cada um dos instrumentos me dá. Ao atribuímos a ponderação ao domínio passamos a entender que existem vários instrumentos que nos permitem recolher evidências relativas às aprendizagens que os alunos efetuaram em cada um desses domínios. Não existem instrumentos mais importantes que outros, todos eles são diferentes e todos eles nos dão informações distintas, por isso devemos repensar os nossos instrumentos de avaliação e refletir sobre o seu propósito e função nas aprendizagens dos alunos. Quando apenas utilizamos um tipo de instrumento de avaliação (seja com um fim formativo ou sumativo),



olhamos os alunos apenas segundo um ângulo, uma lente e um aluno é mais do que a fotografia de um determinado momento, o que reforça a importância da diversificação. A utilização de listas de verificação ou de grelhas de observação que nos permite avaliar os trabalhos de projeto, as apresentações, as experiências, as saídas de campo, etc são momentos privilegiados para avaliarmos muito mais do que a capacidade de um aluno a sistematizar a informação. Nestes momentos avaliamos o seu raciocínio, a forma como argumenta, como testa possibilidades, como comunica, etc.